

# O VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES: UMA QUESTÃO DE ESTILO

Rosa Borges Santos Carvalho\*

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Propomo-nos, nesta comunicação, mostrar como se caracteriza o vocabulário do poeta baiano Arthur de Salles (1879-1952), em especial aquele da obra *Poemas do Mar*, cuja edição crítica preparamos como objeto de tese de doutoramento (2001), considerando-o, do ponto de vista estilístico, como um dos elementos importantes na construção do texto literário.

Como sabemos, a poesia causa no leitor um certo prazer estético e, para isso, o escritor deverá proceder à seleção do vocabulário, de forma a valorizar a sua força expressiva, através de metáforas e comparações. Sendo assim, suas opções visam, sobretudo, a atender à natureza da obra e as suas intenções estilísticas ao compô-la, recorrendo aos neologismos, aos arcaísmos, aos termos técnicos, às palavras mais corriqueiras, entre outras. Essas escolhas refletem as influências que estão diretamente associadas a sua formação intelectual, ao meio social em que viveu, às correntes estéticas e às escolas literárias de que participou, e são elas que guiam o artista na seleção dos recursos que a língua lhe pode oferecer.

A seleção desses materiais lingüísticos, por sua vez, particulariza o temperamento do poeta, exterioriza sua personalidade e revela sua visão de mundo. Desse modo, seguiremos expondo sobre o vocabulário de Arthur de Salles como o resultado das escolhas que realizou para preparar sua obra, fazendo-se esta abordagem em duas direções, uma que toma o vocabulário da obra *Poemas do Mar*, em seus aspectos gerais, e a outra que considera o processo de escritura, destacando os signos léxicos mais manipulados pelo escritor. Em ambos os casos, o modo como o autor lida com as palavras constitui-se em procedimento estilístico que desperta no leitor emoções várias.

## 2 O VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES

### 2.1 O VOCABULÁRIO DA OBRA *POEMAS DO MAR*: ASPECTOS GERAIS

Arthur de Salles, em sua poesia, da forma como a constrói, como seleciona os vocábulos, está amalgamando sua experiência e as fontes dessa experiência. Daí

---

\* Universidade do Estado da Bahia e Universidade Federal da Bahia.

reconhecer-se em sua obra o reflexo das realidades por ele vividas: a regional e a marinha, bem como as leituras que fez para fomentar o espírito inquieto, curioso, de quem quer saber mais. Com o intuito de assegurar o que acabamos de afirmar, passemos ao estudo do vocabulário. Inicialmente, considerando a temática, tomaremos alguns substantivos, acompanhados de verbos e de adjetivos a eles associados, fazendo uma breve descrição do ambiente praiano; a seguir, traremos outros elementos estilísticos, com ênfase para o uso dos adjetivos.

- **Temática**

O vocabulário do mar retrata a paisagem marinha: a praia, o movimento das ondas, o fluxo e refluxo da maré, as embarcações, a gente simples, enfim, seus múltiplos aspectos. O poeta “enlapa-se” na “tebaida verde” (mar) e, como o “flutívago rapsodo” (poeta), narra as histórias dos pescadores, dos marujos e da população ribeirinha. As lexias expostas a seguir procuram mostrar, de modo sucinto e parcial, como o poeta particularizou esse universo dos mareantes em sua obra.

O cenário se define a partir do *mar*, da *praia*, do *coqueiral*, das rochas, dos animais marinhos, do *vilarejo* e das pessoas, habitantes da região e tripulantes das embarcações, trabalhadores do mar.

Para designar “mar”, o poeta utiliza as palavras *águas*, *Atlântico*, *infinito*, *mar*, *mares*, *oceano* e algumas metáforas, tais como: *amplidão marinha*, *campo insondável da morte*, *campos do mar*, *campo-santo*, *glauco abismo*, *marinha planura*, *marulhante abismo*, *paragem marinha*, *tebaida verde*, *tenebroso coveiro*, *trama dormente*, *trama verde*, *valva verde*, *vastidão marinha*, *vastidão temerosa e ondulante*, *vastidão tumultuária*, *verde soledade*. Acrescentem-se também as perífrases compostas de “mar” mais adjetivo: *mar alto*, *mar largo*, *pleno mar/ mar pleno* que expressam a mesma idéia, isto é, qualquer ponto do mar afastado da costa e de onde não se avista a terra. Fez-se também o uso de *golfão* e *pélagos* que denominam o mar alto, longe da terra. Os adjetivos usados para descrever o mar foram: *aceso*, *áureo*, *azul*, *babujento*, *bruto*, *calmo*, *deserto*, *dormente*, *encrespado*, *entocado*, *espasmado*, *espumaroso*, *esquivo*, *extravasado*, *furioso*, *imenso*, *indeciso*, *indolente*, *inquieto*, *inteiro*, *irado*, *largo*, *lasso*, *liso*, *maldito*, *medroso*, *misterioso*, *morto*, *mudo*, *ouricado*, *pleno*, *plúmbeo*, *proceloso*, *regougante*, *revolto*, *ruidoso*, *soalheiro*, *sombrio*, *sonoro*, *soturno*, *sussurroso*, *tenebroso*, *vacilante*, *velho*, *verdadeiro* e *verde*; as perífrases, *aos cachões*, *de dormências trêmulas*, *de ouro*, *na extrema*, *à orela*, *pontilhado de ilhas*, *aos rolos*, *sem raia*, *sem velas*, *mar afora*, *mar largo*, *trecho de mar*, *trecho de oceano*. Os verbos indicam sua ação e movimento: *abrir*, *aplainar*, *ansiar*, *apagar*, *azular*, *banhar*, *chofrar*, *coruscar*, *cuspir*, *debater-se*, *desdobrar-se*, *eflorar*, *esfazer-se*, *espelhar*, *espumar*, *gorgolejar*, *iluminar-se*, *inchar*, *morrer*, *ofegar*, *palpitar*, *perquirir*, *plumbaginar*, *rebramir*, *regougar*, *sonhar*, *sorrir*, *tremar*, *ulular* e *zunir*.

Os “homens do mar” são chamados de: *canoeiro*, *corsário*, *gajeiro*, *lobo do mar*, *mareante*, *marinheiro*, *marinheiro trovador*, *marujo*, *mestre*, *náufrago*, *nauta*, *navarco*, *navegante*, *pescador* e *ribeirinho*. Dá-se o nome de *marinhagem* ou *fusta* ao conjunto de marinheiros, homens que labutam no mar. Seus traços são: *agitado*, *embuçado*, *frágil*, *medroso*, *moço*, *temerário*; *cinqüentão*, *patusco*; *de barba arruivascada*, *de faces*

*bronzeadas, sábio do mar*. Suas ações são determinadas pelos verbos: *alçar, buscar, encontrar, encurvar, estugar, quedar, remar, tomar, vagar e voltar*. Os utensílios usados pelo homem foram a *candeia*, o *candeeiro*, a *lamparina*, para iluminação da casa, e o *machado* para abater a árvore e escavar o tronco, construindo uma canoa. A moradia retrata a realidade conhecida do poeta: o *casario*, o *tejúpá* e o *vilarejo*. Salles compara as fases da vida do homem aos aspectos que o mar apresenta: infância (*praia branca e sorridente*), mocidade (*costa aonde chegam remotas vozes de chamamento*), velhice (*restinga eriçada de escolhos*). Diante do mar, o homem exterioriza seus sentimentos: *assombro, dor, espanto, horror, pismo, pavor, revolta, solidão e tormento*. “Tudo diante do mar exsurge e desabrocha”<sup>1</sup>: *brados, revoltas, ilusões e dores*. Os verbos *apavorar, arrostar, planger* denotam sentimentos. A percepção do mundo pelo homem se verifica através dos verbos: *abrangar, contemplar, escutar, espiar, olhar, tatear e ver*.

As “embarcações” às quais o autor se refere em sua obra vão desde aquelas que se encontram no litoral baiano até as embarcações típicas dos séculos XV e XVI, da época das grandes Conquistas. São elas: *baixel, barca, barçaça, barco, batelão, brigue, canoa, caravela, esquife, galeão, galera, gôndola, jangada, nau, nave, navio, trirreme*, e, com emprego metafórico, mencionam-se *escombros flutuante, tábuas e fantasma branco* (barco). Para designar grande número de navios de guerra, utilizou-se do substantivo *frota*. As *lanchas, os barcos, as canoas, as jangadas*, por exemplo, dão à paisagem da Bahia seu aspecto inconfundível.

Vimos, portanto, que a escolha lexical reflete o cotidiano da gente simples e ribeirinha, por um lado, e as leituras dos clássicos, por outro. A respeito disto, Cláudio Veiga (1984) já se havia manifestado: “A *canoa* é tão prestigiada quanto a *galera* e a *trirreme*. A *mareta* ou *marouço* tem tanta dignidade quanto o *pélagos*. O *canoeiro pescador* ombreia com o *navarca*.”<sup>2</sup>

#### • Outros traços estilísticos

Passemos então a discorrer sobre outros traços significativos do vocabulário de Arthur de Salles que, por sua vez, tem-se mostrado bastante diversificado. Nele, incluem-se vocábulos raros, clássicos, coloquiais, neologismos, palavras relacionadas aos sentimentos, à religião, à natureza, às cores ou ainda à estética dos movimentos<sup>3</sup> a que pertenceu o poeta, simbolismo e parnasianismo, entre outros aspectos relevantes.<sup>4</sup>

Algumas palavras empregadas pelo poeta não se acham dicionarizadas, umas são criações, outras, regionalismos, vocábulos peculiares a uma determinada região ou comunidade, tais como: *achamboado*, 'grosseiro, mal-acabado', *adormido*, 'adormecido', *babujento*, 'que forma babugem', *bojado*, 'enfunado', *cerraceiro*, 'nevoeiro espesso', *escavão*, 'cavidade', *envermelhado*, 'avermelhado', *esparcelado*, 'repleto de parcéis, escolhos', *plumbaginar*, 'escurecer', entre outros. Quanto aos arcaísmos, poucos são os

<sup>1</sup> Cf. Verso 29 do poema *À mercê das cismas*.

<sup>2</sup> Cf. Cláudio VEIGA, *Sete tons de uma poesia maior*, p. 27.

<sup>3</sup> Cf. Andrade MURICY. *Panorama do simbolismo no Brasil*, v. 2, p. 311-324.

<sup>4</sup> A propósito, confirmam-se os trabalhos de Célia TAVARES, *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arthur de Salles*, p. 150-204; Cláudio VEIGA, *Sete tons de uma poesia maior*, p. 26-29; e todas as dissertações de mestrado (*vide* Referência Bibliográfica) na área de Crítica Textual, no capítulo correspondente ao Glossário.

registros: *caligem* 'nevoeiro espesso', *lenho* 'pedaço de madeira' e *aspeito* em vez de *aspecto*, que Salles rima com *leito*, usados intencionalmente para dar a chamada cor local. Alguns vocábulos populares também aparecem em seus versos, como: *cinqüentão*, *patusco* 'brincalhão' e *chorro* 'jorro'. Palavras como *crebro* 'amiudado, repetido', *crystal* 'limpidez, transparência', *flamívomo* 'que vomita chamas', *flutívago* 'que anda sobre as ondas do mar', *glauco* 'de cor verde-azulada', *hiulco* 'entreaberto', *intérmino* 'interminável', *mesto* 'triste', *múrmuro* 'som confuso, sussurro que produz a água corrente', *navarco* 'comandante de uma nau de guerra ou de uma frota', *nave* 'navio', *rútilo* 'muito brilhante', *salso* 'salgado', *sidéreo* 'celestial sideral', entre outras, denotam uma expressão mais enérgica, são dicionarizadas como de uso poético.

As cores que aparecem em sua obra definem a paisagem marinha: o céu e seus aspectos, azul claro, acinzentado e escuro, conforme sejam as fases do dia, o amanhecer, o entardecer e o anoitecer ou o dia *versus* a noite, e as condições meteorológicas, bom ou mau tempo. Para designar o céu, o mar e os reflexos do sol, o autor fez referência às pedras preciosas de acordo com as suas cores: *safira* (azul), para o céu; *esmeralda* (verde-esmeralda), para o mar; *opala* (leitosa, azulada, amarela, vermelha e incolor) e *topázio* (incolor, amarela, vermelha acastanhada, azul-clara, rosada, verde-pálida), para os reflexos matizados do sol. Entre as designações para cores, utilizou-se de formas comuns, tais como *azul*, *verde*, *avermelhado*, *louro*, e inusitadas, como *fulvo* 'dourado', *glauco* 'verde-azulado', *púrpuro* 'vermelho-escuro', fato que revela influência das correntes parnasiana e simbolista.

Alguns vocábulos são bastante expressivos no simbolismo brasileiro, mesmo quando empregados em sua acepção normal (Muricy, 1952). Da obra de Arthur de Salles, podemos citar: *agonia* 'angústia, aflição', *amplidão* 'extensão, vastidão', *arcano* 'mistério', *branco* 'alvo, claro', *brancura*, 'alvura', *bruma* 'nevoeiro', *caçoula* 'vaso em que se queimam perfumes', *constelado* 'ornado de estrelas', *cova* 'sepultura', fruto da obsessão funerária dos simbolistas e reminiscência do romantismo, *crepuscular* 'melancólico, indeciso', *dor* 'sofrimento, mágoa', *fatal* 'funesto', *goivo* 'flor do goiveiro', comparado à espuma do mar, *golfo* 'golfo', *ignoto* 'desconhecido', *lírio* 'flor, muito aromática, de várias flores do mesmo nome', *lívido* 'pálido', *luar* 'clarão da lua', *luxúria* 'lascívia', *maldito* 'amaldiçoado', *mirra* 'resina de uma planta nativa da região do Mar Vermelho', *mistério* 'oculto', *nebuloso* 'torvo, misterioso', *névoa* 'bruma', *nevoento* 'enevoado', *opala* 'pedra de cor azulada e leitosa, que, conforme a incidência de raios luminosos, apresenta cores vivas e variadas', *opalino* 'que tem a cor azulada e leitosa como a opala', *plangência* 'queixume, lamentação', *plectro* 'vareta de marfim com que se faziam vibrar as cordas da lira', *rapsodo* 'cantor, poeta, aedo', *remoto* 'longínquo, distante', *salmodiar* 'cantar salmos', *silente* 'silencioso, secreto', *taciturno* 'silencioso, sombrio', *tebaida* 'de Tebaida, região do Egito, retiro', *túrbido* 'perturbado, agitado', *turbilhão* 'remoinho', *ulular* 'emitir som plangente', etc. Ressaltemos ainda que algumas dessas lexias são comuns entre os escritores parnasianos e simbolistas, por exemplo, *bisso* 'secreção filamentosa que saem de certas conchas bivalves e que servem ao animal para se fixar aos corpos submarinos', *nitente* 'resplandecente, brilhante', *valva* 'cada uma das peças de que constam a concha dos mariscos' (VEIGA, 1984).

#### • Uso dos adjetivos

Associados, por sua própria natureza, aos substantivos, os adjetivos aparecem numerosos na poesia marinha de Arthur de Salles, e se distribuem, antepondo-se e

pospondo-se ao substantivo, intensificando-o, algumas vezes traduzindo uma só idéia, representada em seu discurso, por vezes metafórico. Vejamos alguns exemplos: *vaga convulsa, vaga amolentada, fluxo temeroso, praia desnuda, largo areal, vaga amolentada e mansa, praia larga e expansa, remada curta, barco funerário (Os boitatás); alongada canoa, canoa domada, áureos mantos trementes, vagas de ouro, ferventes reclamos, espúmeo traço (A mãe d'água); rija lufada atraente do nordeste, surdo bramido (O cão de bordo); valva azul, valva verde, mar ouriçado de escamas (Ocaso no mar); dorso do mar, riba silenciosa, vaga tenebrosa (À mercê das cismas); canoa banzeira, barcarola dulcida, mar de ouro, mar de dormências trêmulas, mar dormente, vela adormida, ondas plácidas, marinheiro trovador (Canção de amor).*

Notamos então que além dos numerosos adjetivos, propriamente ditos, Arthur de Salles emprega, com certa frequência, o particípio adjetivado e o sintagma nominal preposicionado posposto ao substantivo. Embora os adjetivos possam antepor ou pospor ao substantivo, constatamos a preferência pela posposição. Quaisquer que sejam os usos, valoriza-se a descrição do objeto, da situação, do lugar, etc.

## 2.2 PROCESSO DE ESCRITURA: SIGNOS LÉXICOS MANIPULADOS PELO AUTOR

Outro aspecto importante em relação ao vocabulário diz respeito àquilo que resulta dos movimentos de escritura, ou seja, ao fazer e refazer seu texto até encontrar o definitivo, o poeta apresenta diversos testemunhos para um mesmo poema. Do confronto destes testemunhos, identificamos as variantes, lições divergentes em relação ao texto de base (texto crítico), e as analisamos do ponto de vista lingüístico-estilístico.

Devemos levar em conta que todo escritor planeja, esboça, rascunha, emenda, escolhe, visando sempre ao aprimoramento da construção literária e à expressão de sua coerência, e com Arthur de Salles não foi diferente. Nesta etapa do trabalho, o poeta almeja o texto “perfeito”, mais polido, e, para tanto, procura reformular a sua linguagem, através de um processo de escolhas e descartes de opções em função do texto que se pretende alcançar. Ao construir seu texto, Salles empreendeu vários movimentos: substituição, supressão, acréscimo e deslocamento de determinadas lexias. Na maioria das vezes, buscou respeitar a métrica e a rima, e, sobretudo, preservar o conteúdo dos versos modificados.

Conforme estudo desenvolvido na Tese, podemos concluir que o poeta trabalha, preferencialmente, com os signos léxicos, o **verbo**, o **adjetivo** e o **substantivo**, palavras que têm função básica nas frases e que certamente constituem um inventário aberto que permite várias possibilidades associativas de combinação. O manuseio dessas palavras, principalmente dos **adjetivos** e dos **verbos**, pelo autor, revela um equilíbrio entre dois aspectos marcantes de sua produção poética, o descritivo e o narrativo.

As substituições envolvem, sobretudo, palavras que pertencem à mesma classe gramatical e, muitas vezes, que têm o mesmo valor referencial. Nesses casos, a modificação prima pela concisão, pela expressão concentrada em função da imagem e da metáfora que o poeta deseja criar, valorizando as diferenças entre os sinônimos. Tomemos, como exemplo, o V. 1 do poema **Praia em festa**, *A praia estremecera ampla e deserta. A areia (ms.*

**0431**) e compare-se com *A praia acorda e vibra, ampla e deserta. A areia*, (PO (1920)). Aqui, Salles substituiu um verbo (**estremecera**) por dois (**acorda e vibra**), com o mesmo número de sílabas, preservando o conteúdo, tornando o verso mais expressivo. Em **O cão de bordo**, V.7, **Olhando** foi substituído por **Mirando**: *Olhando o mar festivo ou de revolto seio* (ms. **0259**) por *Mirando o mar revolto ou de murmuro seio*, (VA (1946)), talvez porque o V. 5 comece por **Olhando**: *Olhando o céu escuro, ermo de estrelas, vago*, e o poeta quisesse evitar a repetição da palavra ou porque pretendesse valorizar a aliteração no V. 7. A substituição ocorreu ainda simplesmente pelo fato de uma palavra agradar mais que outra, como em **À mercê das cismas**, no V. 29, quando Salles substituiu **revive** por **exsurge**: *Tudo, diante do Mar <revive> [↑exsurge] e desabrocha*.

Os **signos léxicos** foram também alvo da **supressão**, principalmente o adjetivo e o verbo. Exceto a supressão do adjetivo **branca** no poema **Canção de amor**, todas as demais ocorrências registraram-se nos rascunhos, fato que revela as várias tentativas de escrever determinados versos, geralmente abandonados, e que representa o estágio mais primitivo do processo de criação, quando as palavras vêm à cabeça do escritor, sem maiores preocupações de ordem estilística.

O **acrécimo** envolve, sobretudo, os **signos gramaticais**, o pronome, a conjunção e a preposição. Tem-se apenas uma ocorrência para o adjetivo **claro**, no testemunho **0196** do poema **A Jangada**: *Que c(eo)[↑claro e] de puro azul*. Em todos os casos, a intenção do autor foi de especificar o objeto de sua referência, estabelecendo uma delimitação quanto ao sentido mais preciso, mais particular, fosse qualificando ou determinando esse objeto.

Ao **deslocar** o adjetivo, no testemunho **0035**, o autor proporciona uma modificação do sentido. Vejamos: *Esse recanto esconso, essa riba remota* para *Esse esconso recanto, essa riba remota* (V.16). Observemos que aqui o adjetivo assume uma nuance subjetiva quando anteposto ao substantivo. Em **Ocaso no mar**, verificamos o deslocamento do adjetivo para depois do substantivo, com ênfase para a metáfora que constrói (V.8: *que a verde valva espelha / que a valva verde espelha* (AL (0505), AL (0504) e OP (ms.)). O papel do adjetivo, nestes casos, é o de oferecer a precisão necessária, aumentando a compreensão do substantivo e diminuindo-lhe a extensão, conforme sua posição, se anteposto ou posposto ao substantivo, interferindo em sua significação. No testemunho **0429**, o autor desloca o pronome **lhe** para depois do verbo: *Em que azas de albatroz lhe dando o pensamento* para *Em que azas de albatroz dando-lhe, o pensamento* (V.2), talvez porque ofereça melhor ritmo ao verso.

Da análise do material lingüístico envolvido nessas transformações genéticas, procuramos caracterizar, mesmo que superficialmente, através do ajuste vocabular dos textos, a luta que o autor travou para alcançar o resultado desejado, buscando conciliar as qualidades que as palavras apresentam com sua intenção de comunicar por meio de sua poesia. Trata-se da busca do texto mais elaborado, quanto às escolhas lexicais, ao ritmo, à versificação, enfim, quanto ao labor estilístico.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do breve exame do vocabulário aqui desenvolvido, foi-nos possível extrair alguns elementos que apontam para o modo particular e individual como Arthur de Salles lida com seu texto, tais como a criação de uma nova palavra ou de um novo sentido para uma palavra já existente, o uso de um termo coloquial de forma inusitada, a valorização dos adjetivos, a combinação de signos léxicos para manifestar o conteúdo que se deseja transmitir, a luta pela precisão semântica, pela palavra exata, entre outros recursos. Procuramos também mostrar a visão de mundo do poeta, ao identificarmos em sua poesia os traços de uma cultura e de uma época (primeiro quartel do século XX), de uma estética (parnasiana e simbolista) e de uma determinada comunidade (do recôncavo baiano).

Quanto às lexias arroladas, muitas revelam a capacidade criativa de Arthur de Salles, quando através do processo de metaforização, cria invariantes lexemáticas de caráter diatópico, diastrático e diafásico, colocando-nos, portanto, diante de diversas possibilidades de estudo. Aproveitando a oportunidade, permitimo-nos apresentar duas propostas de investigação que talvez sirvam de motivação a outros interessados: (1) aplicar o método lexicométrico, como fez Carlos Quiroga (1994), em sua Tese *Lexicometria e vocabulário em Pessoa ortónimo e heterónimo*, ou seja, far-se-ia um estudo do léxico a partir de sua quantificação, para por em evidência o material revelador das preferências vocabulares do poeta, as marcas ideológicas presentes no discurso; (2) analisar a metáfora como motor da criação do léxico, direcionando nosso olhar para as *metáforas cognitivas ou da vida cotidiana* na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980) que, em seu livro *Metaphors we live by*, consideram-nas como experiência das realidades físicas, isto é, elas permitem apreender a realidade circundante para esclarecê-la, diferentemente daquilo que preconiza a teoria clássica da metáfora, a comparação de duas realidades distintas, a conceptual e a física.

### REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5 v.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. 930 p.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. **Poemas do Mar de Arthur de Salles**: edição crítico-genética e estudo. 2002. xxxvi + 809 + 56 il. 2v. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0.
- ESPARTEIRO, António Marques. **Dicionário ilustrado de marinharia**. 2. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1943. 203 p. Prefácio do Prof. Dr. J. Leite de Vasconcelos.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Dicionário da língua portuguesa**. 14. ed. Lisboa: Bertrand, 1973. 2 v.

- FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 5 v.
- KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e dicionário**. Rio de Janeiro: Delta, 1994. 1644 p.
- LAKOFF, G., JONHSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LEITÃO, Humberto. (com. te ). **Dicionário da linguagem de marinha antiga e actual**. 3. ed. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1990. 548 p. Com a colaboração do Comandante José Vicente Lopes.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2267 p.
- MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1952. v. 3, p.313-333.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa**. Brasil: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. 4 v.
- QUIROGA, J. Carlos. **Lexicometria e vocabulário em Pessoa ortónimo e heterónimo**. 1994. 2 v . Tese (Doutorado), Faculdade de Filologia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- VEIGA, Cláudio. **Sete tons de uma poesia maior**. Rio de Janeiro: Record, 1984.